

Pequenas ações podem ativar memórias? A extensão universitária nas escolas públicas e as contribuições culturais africanas

Ana Paula Batista Araujo¹
Rosemar Gomes Lemos²

Resumo: Através da análise de atividades desenvolvidas nas escolas locais, sob iniciativa do Grupo de Extensão Universitária Design, Escola e Arte (D.E.A.) da Universidade Federal de Pelotas (UFPel), o presente artigo visa relatar as ações feitas junto à comunidade e verificar se, realmente, este tipo de trabalho com oficinas temáticas, tem a capacidade de resgatar memórias contribuindo com a formação do indivíduo. No artigo é apresentado o método de ensino desenvolvido pelos graduandos e adotado na realização das atividades, destacando a importância da inserção de questões culturais no cotidiano do aluno e/ou participante. A presente pesquisa teve por base os relatos escritos produzidos pelos graduandos, pelos estudantes de diversas faixas etárias, os registros de imagens analisados a luz dos conceitos de memória abordados e pautados por pesquisadores da referida área.

Palavras-chave: oficinas; memória; contribuição africana; Lei 10.639/2003

Abstract: Through the analysis of the activities developed in the local schools, under the initiative of the University Design Extension Group, School and Art (DEA) of the Federal University of Pelotas (UFPel), the present article describes the actions made for the local community and verify if this kind of work is really capable to rescue memories, contributing with the individual education of the students involved. This work is presented with a teaching method developed by the graduation students and adopted by them in the accomplishment of the activities, emphasizing the importance of the approaching of cultural aspects in the routine of the participants. That research was based on the written reports produced by the graduation students, by the students of different age groups and with the analyses of some registered images based on concepts of Memory related by researchers of this area.

Key-works: Workshops; memory; african contribution; Law 10.639/2003

¹ Licenciada em Artes, mestranda em Memória Social e Patrimônio Cultural (UFPel), colaboradora do Grupo De Extensão Universitária Design, Escola e Arte - DEA

² Arquiteta, doutora em Engenharia Civil (UFRGS), Professora Adjunta da Universidade Federal de Pelotas, Coordenadora Geral do Grupo De Extensão Universitária Design, Escola e Arte - DEA

1. Introdução

O grupo DEA - Design, Escola e Arte¹ - resultou da iniciativa de alunos e professores de diferentes instituições como a Universidade Federal de Pelotas (UFPel), Universidade Católica de Pelotas (UCPel), Instituto Federal de Educação Tecnológica do Rio Grande do Sul (IFSul) e da Fundação Universidade Federal do Rio Grande (FURG), tendo por objetivo utilizar do conhecimento acadêmico construído em diversas áreas do conhecimento (áreas afins com a formação dos professores e alunos do grupo) em prol da comunidade escolar da cidade de Pelotas. O grupo é coordenado por cinco professoras, tanto da Universidade Federal de Pelotas, quanto da rede pública de ensino e conta com a participação de quinze graduandos, pertencentes a UFPel, IFSul, UCPel e FURG, oriundos dos cursos de Direito, Educação Física, Administração, Geografia, Letras, Biologia, Gestão Hospitalar, Tecnólogo de Sistemas para Internet, Tecnólogo em Geoprocessamento, Artes Visuais, Design Gráfico e Design Digital.

Suas ações objetivam auxiliar a comunidade escolar através de iniciativas que contribuam para seu crescimento cultural, disponibilizando trabalhos científicos publicados e apresentados em eventos nacionais e internacionais bem como, oficinas propostas e realizadas desde seu surgimento, em outubro de 2008, com base no cumprimento da Lei Federal 11.645/2008.

Tal lei incluiu no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena”. Nos estabelecimentos de ensino fundamental e de ensino médio, públicos e privados, tornou-se obrigatório o estudo da história e da cultura afro-brasileira e indígena. Partindo desse pressuposto o grupo D.E.A. sugere várias metodologias de trabalho na rede de ensino em que a contribuição cultural de todas as etnias componentes do povo brasileiro serão conhecidas e valorizadas e; nas quais cada aluno conseguirá perceber a importância de sua interferência na comunidade enquanto cidadão, bem como suas origens.

Essas ações, pautadas em postulados científicos, possibilitam alguns resgates de memória através do estímulo à busca de fragmentos da cultura (do indivíduo que participa da ação ou da sua comunidade). Dessa forma cria-se um sentimento que agrega brancos e negros com o intuito de reconhecimento de suas raízes, bem como da contribuição deixada anterior e atualmente por esta cultura. Assim, constitui-se um tipo de memória, conceito que será explorado no decorrer deste texto. Essa memória poderá ser individual ou coletiva, sendo coletiva no sentido de que para existir, em determinado grupo social, se faz necessária a existência de uma comunidade afetiva como se pode ver abaixo:

É nos quadros do pensamento coletivo que encontramos os meios de evocar a sequência e o encadeamento dos objetos. Somente o pensamento coletivo consegue realizar essa operação. (Ricoeur, 2007, p. 133).

1 Atualmente o grupo D.E.A. (UFPel) é composto pelos graduandos Alan Gonçalves, Andrea Cristina Conceição Lemos, Anselmo Coutinho Silva, Daniele Farias Santiago, Gabriel Gomes da Silva, Giuliane da Cruz, Helena de Faria, Henrique dos Santos Ferreira, Lidiane Pires Gouvêa, Lisiane Gomes Lemos, Marcel Lima Nunes, Nadiele Ferreira Pires, Patricia Nobre Belém e William Machado, orientados pelas Professoras Rosemar G. Lemos, Ana Paula B. Araujo, Rita de Cássia Coimbra Reis, Ivone Nunes Homrich e a Érica Delfina Gomes da Silva.

Ainda pode se formar por parte de uma herança o que conforme Pollak (1992, p. 204), ocorre porque “não refere apenas à vida física da pessoa”. Então os participantes das oficinas, resgatam memórias relativas a outras narrativas, talvez de seus familiares ou de grupos onde tiveram algum contato com assuntos ou histórias ligados à cultura afro podendo partir de “transferências ou projeções” e então, ser uma memória construída, “consciente ou inconsciente” (Pollak, 1992, p.204) como se vê na afirmação a seguir:

É perfeitamente possível que por meio da socialização política, ou da socialização histórica, ocorra um fenômeno de projeção ou de identificação com determinado passado, tão forte que podemos falar numa memória quase que herdada. (Pollak, p.201, 1992)

O passado não sobrevive por si só, ele se reconstrói no presente. Izquierdo (2002) trata de memória, através do que a compõe. O autor fala da batalha travada entre o individual e o coletivo e entre a memória e a imaginação. A partir de uma visão patológica do assunto, trata de memória através do estudo das divisões cerebrais e fala do fluxo do tempo (do passado para o futuro e do futuro para o passado).

Dessa maneira pensa-se que a memória trabalhada pelo grupo D.E.A. pode fazer despertar. Permeia a história do indivíduo e o do meio no qual está integrado, levando informações através de narrativas de histórias do passado e do presente, enaltecendo às contribuições da cultura afro no mundo contemporâneo. Green (1964, p. 561-608) vai confirmar esse processo de transição atemporal conceituando memória como “um estado do cérebro que persiste além da estimulação sensorial e é capaz de influenciar sua atividade subsequente”.

Pode se tratar essas ações (oficinas que levam informação, imagens e história), segundo Candau (2004, p. 118-123), como instrumentos “sócio-transmissores” de memória, que agem favorecendo conexões, permitindo um trabalho de memorização.

Através de autores que mostram a possibilidade de encontrar sentido no presente com a renovação dessas memórias, pode-se exemplificar como ocorre a reativação de lembranças e referências das trajetórias vividas pelos participantes. Ciarcia (2011, p. 06) fala de uma memória encenada, mas que tem a capacidade de contar histórias, mesmo sendo em grande parte uma invenção. Já Ramirez (2011), exemplifica uma tentativa de criação de uma “identidade nacional” através de uma visão de uma classe e região como se fosse toda a nação, uma identidade que se desenhou através da união de fragmentos de sua história. E o que é o professor senão um personagem que se renova junto às tecnologias? Sua metodologia é então reinventada a cada geração, juntamente com seu figurino (neste caso, os acessórios – ferramentas para as oficinas). Tal reinvenção, trazendo uma percepção atual da cultura afro, colabora na formação de elementos cognitivos capazes de formar uma reconstrução de uma história não vivida.

Une-se então, o conhecimento passado e as técnicas utilizadas pelos escravos às novas tecnologias implementadas pela modernidade e usadas para mostrar um pouco dessas trajetórias. Bergson (1999) sugere uma memória que permita a relação do corpo presente com o passado e ao mesmo tempo, interfira no processo atual das representações. O lado subjetivo do nosso conhecimento das coisas e uma reserva crescente dos momentos vividos mostra que a cada instante dispõe-se da totalidade da experiência adquirida. Reinventa-se o ensino com base nesse passado, mas com elementos novos, deixando os obsoletos de lado, sem lhes dar importância, mas se utilizando de uma forma nova que estimule e provoque a atenção dos participantes e possibilite sua interação com o trabalho.

O exposto acima se configura no princípio utilizado para criação das oficinas, que com o forte auxílio de imagens retoma as narrativas, o que para Pollak (1992, p.215), deixa a impressão de ter “uma memória visual que é reconstituída” através da percepção da cultura com o auxílio do imagético.

2. Metodologia

As ações desenvolvidas são elaboradas utilizando uma metodologia que permeia o lúdico e o pedagógico. Acredita-se que, dessa forma, os participantes, não só capturam melhor as informações como também colaboram e interagem com os seus colegas e com osicineiros. Assim constrói-se o conhecimento em conjunto, bem como a união de fragmentos de uma memória em comum, ao considerar que cada participante tem um tipo de informação sobre o negro no Brasil, não importando a cor de sua pele ou raça.

O grupo D.E.A. realiza oficinas com duração entre duas e quatro horas/aula abordando temáticas como: arte, relações étnicas e direitos humanos. Abaixo são apresentadas algumas das oficinas propostas com o respectivo público-alvo:

1. Apropriação de obras relacionadas com a cultura afro-brasileira e indígena – ensino médio e EJA (educação de jovens e adultos);
2. Brincadeiras de origem africana – séries iniciais;
3. Stencil com base em estampas étnicas – ensino médio e EJA;
4. Vídeo-debate - Uma mostra de vídeos e discussões sobre a cultura negra e indígena – ensino fundamental, médio e EJA;
5. Hora do Conto - séries iniciais;
6. Artesanato em argila – séries iniciais e nível fundamental;

7. Criação de máscaras africanas – séries iniciais;

8. Criação de texto a partir de fotos e/ou reportagens – nível fundamental, médio e EJA;

As oficinas são realizadas com os mais diversos materiais e técnicas a fim de que o aluno interaja, possibilitando o surgimento de um diálogo que culmine em um conhecimento construído em conjunto, na troca de experiências e saberes. Nas imagens abaixo (fig.01), busca-se apresentar parte do processo de algumas atividades, facilitando a uma visão das propostas que têm buscado possibilitar um pensamento crítico e reflexivo:



Figura 1- Trabalhos realizados pelos alunos de uma Escola Pública de Pelotas-RS
(a)Oficina de Máscaras; (b) Oficina de cerâmica - Fotos: Acervo Grupo D.E.A

A logística para implementação das atividades extensionistas se apresenta da seguinte forma:

a) Iniciativas individuais - Para a realização das oficinas apresentadas, são fornecidos a cada escola, pelo grupo D.E.A., os recursos materiais necessários mediante apresentação de fichas descritivas de cada oficina, nas quais constam: nome da oficina, proponente(s), público-alvo, objetivos, metodologia, recursos humanos, tempo necessário para seu desenvolvimento em horas/aula, avaliação, referências bibliográficas, recursos materiais e custo aproximado desses materiais para turmas de trinta alunos.

b) Convênio com Poder Público - Neste caso, se formalizado um acordo para aplicação de oficinas nas escolas de sua jurisdição é fornecida uma bolsa-auxílio aos graduandos para utilização na formação intelectual de seus membros, participação em congressos e publicações científicas.

Após o período destinado à realização das oficinas, ocorre a etapa de auto-avaliação do grupo, em que são apresentadas proposições de novas atividades na área da educação formal e conclusão de pesquisas científicas nas áreas da educação e do design.

3. Resultados Obtidos

Acredita-se que o principal objetivo da realização das oficinas tem sido alcançado, auxiliando as escolas públicas no cumprimento da Lei 11.645/2008, através de atividades lúdicas fundamentadas no conhecimento construído durante a graduação dos extensionistas.

O grupo tem trabalhado intensamente nas Escolas Públicas do município de Pelotas-RS, totalizando somente neste ano (até o momento) 130 oficinas, contendo cada uma, um público aproximado de trinta alunos. Tais oficinas foram realizadas no Dia Internacional de Luta pela Eliminação da Discriminação Racial (21 de março) e na Semana do dia 13 de maio.

Segundo relato dos graduandos, a partir do momento em que os participantes absorvem a informação e os conteúdos específicos de cada oficina, percebe-se o despertar de conhecimentos adormecidos, originários da sabedoria popular, mas também das narrativas adquiridas no seio da família e na sociedade da qual os participantes fazem parte. Observe os relatos abaixo, nos quais crianças da 5ª série de uma escola pública de Pelotas escreveram sobre o racismo no esporte:

“... Nós entendemos que os negros são muito importantes para nossa cultura. Eles são muito fortes fisicamente. Os negros eram escravos, mas depois se libertaram ...” (aluno 1)

“... Gosto da Daiane dos Santos e do time do Mazembe. Só não gostei quando ele ganhou do Internacional. Também gosto do Andrezinho e do Tinga...” (aluno 2)

“... Pelé foi jogador de futebol e conquistou todos os títulos. E Jesse Owens? Ele sofreu racismo toda vida? Anderson Silva: ele já sofreu muito na escola? Daiane dos Santos: uma atleta. Será que ela é muito boa?” (aluno 3)

Analisando as narrativas pode-se verificar muitas referências trazidas do cotidiano das crianças. Estas referências tem origem na influência da mídia, escola e principalmente no que escutam em casa, como nos casos de racismo e escravatura. Seus discursos ainda refletem uma visão crítica, pois ao mesmo tempo que eles expõe o que pensam através de reflexões acerca dos assuntos (aluno 03) abordados. Desta forma, através destes fragmentos verifica-se rastros de uma memória, mesmo que influenciada pela convivência em sociedade.

As ações, embora simples e lúdicas, estão levando sementes de cultura para as escolas e estas, metaforicamente falando, estão sendo adubadas pelo conhecimento que os participantes já tinham sobre os temas abordados, reforçando a ideia de elementos “sócio-transmissores”, firmados na concepção de Candau (2004, p.118-123). Tal fato se comprova ao verificar que as conexões são favorecidas. Pode-se então afirmar que, os temas abordados estabelecem uma ponte entre o passado e o presente de uma atividade relacionada ao seu cotidiano.

Ricoeur (2007, p. 25), fala dessa reconstrução da memória, como de que “a representação do passado aparenta ser mesmo a de uma imagem”, o que muitas vezes acontece como resultado nas oficinas que desencadeiam em trabalhos de cunho artístico, tornando a ideia que se passou a partir das informações a se concretizarem na forma de desenhos ou de escrita. Dessa forma, responde-se às questões levantadas no princípio deste artigo, ou seja, a de que pequenas ações têm a capacidade de ativar memórias.

Referências bibliográficas

- ANNIECICATELLI. **Os tecidos africanos**. Disponível em: < <http://www.anniecicatelli.com/tecidos.htm>>. Acesso em: 03 Nov 2009 15:15
- ARTE-EDUCAÇÃO. **A Arte da Pré-história Brasileira e Arte Indígena**. Disponível em: < http://www.arteducacao.pro.br/hist_da_arte/hist_da_arte_prebrasil.htm> Acesso em: 02 Nov 2009 11:29
- BERGSON, Henri. **Matéria e Memória**. São Paulo: Martins Fontes, s/d.
- BRASIL. **Lei 10.639 de 09 de janeiro de 2003**. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/2003/L10.639.htm. Acesso em: 06 Ago 2009.
- BRASIL. **Lei Nº 11.645, de 10 de março de 2008**. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2008/Lei/L11645.htm. Acesso em: 29 Out 2009 00:46
- CANDAU, Joel. Conflits de mémoire: pertinence d'une métaphore? In: BONNET, Véronique (sous la direction de) **Conflits de Mémoire**. Paris. Khartala, 2004.
- CIARCIA, Gaetano. **A suspensão do passado da escravidão no Benin meridional** (no prelo).
- COUTINHO, C. L. R. Nega Maluca, não, nega bela: mitos e estereótipos sobre o cabelo crespo. In: **Cadernos de Resumos [do] Congresso Baiano de Pesquisador@s Negr@s: Outros Caminhos das culturas afro-brasileiras: confluências, diálogos e divergências** de 24 a 26 de setembro de 2009, Feira de Santana / Realização associação de Pesquisadores Negros da Bahia et al. – Salvador: EDUNED, 2009. p. 119
- ESCOLA MOBILE. **Mascaras Africanas**. Disponível em: <http://www.escolamobile.com.br/projetos/ritmos_africanos/mascaras.htm> Acesso em: 02 Nov 2009.
- FERAUD, Marie. **Contos africanos**. Trad. Antonio Manuel Couto Viana. Lisboa/São Paulo:Verbo, 1997.
- IZQUIERDO, Ivan. **Memórias**. Porto Alegre: Artmed, 2002.
- Lei Direto. **Lei 11645**. Disponível em: <<http://www.leidireto.com.br/lei-11645.html>>. Acesso em: 09 Out 2009 15:32
- LEMOS, Lisiane Gomes; SILVA, William Machado da; LEMOS, Rosemar Gomes. **Projeto De mãos dadas com nossas raízes e nossos irmãos**. Disponível em: <<http://www.ufpel.edu.br/ich/jpjd/ trabalhos.htm>>. Acesso em: 28 Out 2009 14:57
- MARANHÃO, Fabiano; GONÇALVES JUNIOR, Luiz; CORRÊA, Denise. Aparecida. Artigo: **Jogos E Brincadeiras Africanos Nas Aulas De Educação Física: Construindo Uma Identidade Cultural Negra Positiva Em Crianças Negras E Não Negras**. Departamento de Educação Física e Motricidade Humana , Universidade Federal de São Carlos, São Carlos,2007
- MULTIPLY. **Afrobrasileira**. Disponível em: < <http://afrobrasileira.multiply.com/photos/album/6/6>> Acesso em 02 Nov 2009 11:19

POLLAK, Michael. Memória e Identidade Social. **REH**, Vol. 05, n.10, 1992. Disponível em: <http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/1941/>. Acesso em 01 Nov 2011 10:14

PRISMA, Antonio, TEMBE, Mussá, EDMUNDO, Hélio. **Jogos de Moçambique**. Lisboa: Instituto Nacional de Educação Física, 1992.

PUC MINAS. **Puc informa on line**. Disponível em: <http://www.pucminas.br/pucinforma/materia.php?codigo=1155> Acesso em: 03 Nov 2009 15:24

RAMIREZ, Jesus Antonio Machuca. **Patrimônio y Retradicionalización em la cultura indígena y popular em México** (no prelo).

RICOEUR, Paul. **Memória, História e Esquecimento**, Campinas, Editora da UNICAMP, 2007.

RITAFRO. **O Papel das Máscaras na Cultura Africana**. Disponível em: <<http://ritafro.arteblog.com.br/96210/O-Papel-das-Mascaras-na-Cultura-Africana>> Acesso em: 23 Out 2009 11:06.

SAGRAMENTO, A. L. da S.; ALMEIDA, A.S. de; BARBOSA, C. S.; SOARES, E. do P.; ANDRADE, J. da S. de; SANTOS, M. V. V.; SANTOS, M. de J.; CONCEIÇÃO, P. da C. C. A valorização do território negro: a prática griot e a ênfase na Lei 10.639/03. In: **Cadernos de Resumos [do] Congresso Baiano de Pesquisador@s Negr@s**: Outros Caminhos das culturas afro-brasileiras: confluências, diálogos e divergências de 24 a 26 de setembro de 2009, Feira de Santana / Realização associação de Pesquisadores Negros da Bahia et al. – Salvador: EDUNED, 2009. p. 113

UOL EDUCAÇÃO. **Pintores Negros** - Contribuição negra à arte brasileira. Disponível em: <[://educacao.uol.com.br/artes/negros-pintores.jhtm](http://educacao.uol.com.br/artes/negros-pintores.jhtm)>. Acesso em: 29 Out 2009 10:50

ZONZON, C. N. Capoeira Angola: Reafricanização e Internacionalização. In: **Cadernos de Resumos [do] Congresso Baiano de Pesquisador@s Negr@s**: Outros Caminhos das culturas afro-brasileiras: confluências, diálogos e divergências de 24 a 26 de setembro de 2009, Feira de Santana / Realização associação de Pesquisadores Negros da Bahia et al. – Salvador: EDUNED, 2009. p. 120